

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO E SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA
E INDÚSTRIA CRIATIVAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

notas de
biblioteca
#16

MANIFESTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA IFLA-UNESCO:

POR QUE, COMO

E PARA QUEM?





notas de
biblioteca
#16

MANIFESTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA IFLA-UNESCO:

POR QUE, COMO

E PARA QUEM?

Ficha catalográfica elaborada pela SP Leituras

Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO: por que, como e para quem? / Organizado por SP Leituras. Ilustrado por Retina Studio - São Paulo: Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, SP Leituras, 2023.
2.945.602 KBytes; PDF – (Notas de Biblioteca; 16)

ISBN 978-65-89169-35-2

1. Biblioteconomia e Ciência da Informação. 2. Bibliotecas Públicas. 3. Manifesto
I. Título. II. SP Leituras. III. Ponte, Beth. IV. Ribas, Daniela. V. Nyoka, Jeff B. VI. Valls, Valéria. VII. Wyber, Stephen. VIII. Melo, Tarso de. IX. IFLA. X. UNESCO. XI. Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo. XII. Série.

CDD 020

Índices para o catálogo sistemático
1. Biblioteca e Ciência da Informação 020
2. Bibliotecas Públicas 027

2023

Todos os direitos desta edição reservados à SP Leituras

Rua Faustolo, 576, Água Branca

São Paulo, SP, 05041-000

www.spleituras.org

Edição Maria Luiza Paiva (MTb: 22.816)

Projeto gráfico/diagramação D4G

Ilustrações Retina Studio

notas de
biblioteca
#16

MANIFESTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA IFLA-UNESCO:

POR QUE, COMO

E PARA QUEM?

SP  Leituras
Organização Social de Cultura

 BIBLIOTECA
DE
SÃO PAULO

 BV
BIBLIOTECA PARQUE VILLA-LOBOS

BIBLION
A BIBLIOTECA DIGITAL GRATUITA DE SÃO PAULO

Sis
MEBIM

TUDO VIRA
CULT
SP

 SÃO PAULO
GOVERNO
DO ESTADO
Secretaria de
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

PONTES PARA O FUTURO

As bibliotecas desempenham um papel central na sociedade como espaços dedicados à disseminação do conhecimento, à promoção da cultura, à valorização da aprendizagem ao longo da vida e ao apoio ao empreendedorismo. Tornar esses locais cada vez mais atrativos e adequados aos anseios da população é a missão perseguida pela Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura, da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Governo do Estado de São Paulo.

A coletânea de textos aqui reunidos, fruto do conteúdo do 14º Seminário Internacional Biblioteca Viva, realizado pelo SisEB, explora uma temática extremamente relevante para a gestão e eficiência operacional desses espaços: o Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO: por que, como e para quem?. As páginas a seguir trazem valiosas contribuições para os equipamentos culturais entenderem a razão de sua existência, como devem atuar e, o mais importante, a quem estão destinados a servir.

As análises críticas, experiências pessoais e visões inovadoras sobre o papel evolutivo das bibliotecas públicas, expostas por diferentes autores, estão em perfeita sintonia com o nosso compromisso de fomentar as ações culturais desses espaços, incentivar a qualificação dos profissionais da área e ampliar seu impacto positivo na sociedade. Afinal, compreendemos que os benefícios dessas instituições ultrapassam o âmbito individual ao atuar no fortalecimento do tecido social da região onde estão inseridas.

Agradecemos a todos os autores por suas significativas contribuições e ao SisEB por proporcionar um espaço enriquecedor para a troca de ideias e o crescimento profissional. Nosso desejo é que esse conteúdo sirva como farol para aqueles que buscam compreender, revigorar e incentivar constantemente as bibliotecas públicas em sua jornada de capacitar as gerações presentes e futuras.

**SECRETARIA DA CULTURA,
ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS**

APRESENTAÇÃO

BEM-VINDO(A) AO MANIFESTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA IFLA- UNESCO 2022

Um manifesto é, por natureza, algo que expressa reflexões, evidencia mudanças e consolida práticas e valores compartilhados. Entretanto, nenhum documento pode ser de fato implantado sem o conhecimento, a compreensão e o acesso dos cidadãos e dos próprios agentes públicos ao seu conteúdo e significado, às razões que culminaram na sua existência e quais os resultados que almeja com sua aplicação.

Trazer a potência de ação do Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022 para o ambiente e a realidade dos profissionais que atuam no dia a dia do setor bibliotecário foi a razão de ser da 14ª edição do Seminário Internacional Biblioteca Viva, realizado virtualmente, entre os dias 26 e 30 de junho de 2023.

O encontro deixa um legado ativo de experiências vivas e pulsantes em torno do documento, que destaca a força desses espaços na promoção da cultura e dos conhecimentos — eixos fundamentais para o exercício dos direitos humanos e de um papel atuante de cidadãos e cidadãs na vida social. Ali, comprovou-se, de maneira inequívoca, que dar vida ao Manifesto é falar sobre sua prática.

Os diálogos envolvendo experiências de especialistas, professores e professoras, profissionais do livro e da leitura transcenderam reflexões sobre os desafios da atualidade. Foram 1.893 participantes de todo o Brasil, de 217 municípios, abrangendo 24 estados e o Distrito Federal, com 6.411 visualizações no canal do YouTube do SisEB, além de 34

convidados de cinco países: Brasil, África do Sul, Países Baixos, Portugal e Ucrânia.

O intercâmbio de ideias, sabe-se, fortalece as bibliotecas brasileiras. Mais do que isso, gera um fluxo vivo de informações. Aí reside o fato desta publicação ser um convite a mais uma imersão no Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022 — como um testemunho que insiste em revelar o seu legado.

Os textos dos autores e autoras aqui se apresentam, sobretudo, como versões de um mesmo fato: as bibliotecas públicas são hoje espaços de formação contínua e agentes de mudança. Nesse sentido, além de reproduzir e ampliar as experiências vivenciadas durante o Seminário, os artigos assumem um caráter vivo, tornando-se capazes de projetar o Manifesto para a realidade da vida cotidiana.

E vejam só quem está aqui nesta edição.

A gestora cultural, pesquisadora e consultora Beth Ponte se pergunta: o que ocorre quando uma força viva se encontra no epicentro da destruição causada por uma guerra? Esse é o ponto de partida para o relato da gestora sobre a palestra internacional — “que teve a honra de mediar” — relacionada ao projeto de acesso a livros ucranianos aos refugiados, “Uma Mala Cheia de Livros”, com a coordenadora de projetos de promoção de literatura e tradução no Goethe-Institut Ucrânia, Maria Schubchyk.

Somos mesmo o que imaginamos? A diretora da Sonar Cultural Consultoria, doutora em Sociologia pela Unicamp e especialista em

gestão e políticas culturais pelo Itaú Cultural, Daniela Ribas, reflete sobre a necessidade de se avançar em novos modelos de avaliação que permitam uma maior percepção da sociedade em relação aos projetos das bibliotecas. E, como bônus, indica os caminhos das pedras.

A seguir, o artigo “Transformação e alfabetização digital para os ODS: o caso das bibliotecas de Joanesburgo” registra e coloca na mesma arena a carga emocional da experiência direta de dois profissionais que falam sobre um universo comum, para além das fronteiras geográficas. Valéria Valls, coordenadora do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da FESPSP, também curadora do Seminário Internacional Biblioteca Viva, dialoga com o gerente de *e-learning* das Bibliotecas e Serviços de Informação de Joanesburgo, Jeff B. Nyoka: “Um relato de um país africano que, como pudemos perceber, tem muitas semelhanças com nossa realidade e certamente servirá de inspiração para bibliotecas brasileiras”, segundo Valéria.

Está aqui também o diretor de política e defesa da International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA), Stephen Wyber, que decompõe diferentes elementos do *advocacy* para concluir, simplesmente, “por que o *advocacy* importa”. Para isso, ele se baseou no exemplo de iniciativas como o *23 Coisas*, destacando uma série de atividades simples que podem ser realizadas sem dispendar muito tempo, a exemplo de *O Advocacy de 10 Minutos da Biblioteca*.

Finalmente, o poeta, ensaísta, professor e advogado Tarso de Melo fala do livro, do poder e do lugar das bibliotecas para refletir sobre o capítulo das “missões” no Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022. “Uma pessoa e um livro, pelo tempo que durar a leitura e mais ainda o seu contágio, podem formar um mundo. Uma pequena biblioteca pode transformar uma cidade minúscula em um universo. As portas de uma biblioteca são as portas de outros mundos”, diz Melo.

Como um espaço para compartilhamento de impressões e ideias — e por que não, ideais? — esta publicação funciona como uma espécie de hipertexto, em que os múltiplos olhares dos autores e autoras para as abordagens sobre as quais se constroem o Manifesto são entremeados por trechos do documento que ampliam e modernizam as missões da versão anterior (1994).

Com isso, esperamos contribuir para que o Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022 possa se tornar um instrumento que efetivamente oriente o desenvolvimento das bibliotecas públicas.

Estão todos convidados a fazer esse percurso pelo Manifesto, e conosco.

Boa caminhada e boa leitura!

**SP LEITURAS – ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE BIBLIOTECAS E LEITURA**

ÍNDICE

14



FOTO: FLORIAN BOCCIA

**BETH
PONTE**

**BIBLIOTECAS
COMO FORÇA
VIVA EM MEIO
À GUERRA NA
UCRÂNIA: A
HISTÓRIA DO
PROJETO “UMA
MALA CHEIA DE
LIVROS”**

22



FOTO: PATRÍCIA SORANSSO

**DANIELA
RIBAS**

**POR UM NOVO
PARADIGMA
EM AVALIAÇÃO E
MONITORAMENTO
DE AÇÕES
CULTURAIS**

28



FOTO: IFLA

**JEFF B.
NYOKA**

**TRANSFORMAÇÃO
E ALFABETIZAÇÃO
DIGITAL PARA OS
ODS: O CASO DAS
BIBLIOTECAS DE
JOANESBURGO**

38



FOTO: JENNIFER GLASS

**VALÉRIA
VALLS**

**ONDE O BRASIL
ENCONTRA
JOANESBURGO:
RELATOS DE UM
PAÍS AFRICANO
INSPIRAM
BIBLIOTECAS
BRASILEIRAS**

44



FOTO: DIVULGAÇÃO

**STEPHEN
WYBER**

**POR QUE
DEVERÍAMOS
(TODOS)
REALIZAR
O ADVOCACY
PELAS
BIBLIOTECAS**

50



FOTO: LAURA MENDES

**TARSO
DE MELO**

**O PAPEL DA
BIBLIOTECA —
E VICE-VERSA**

BIBLIOTECAS COMO FORÇA VIVA EM MEIO À GUERRA NA UCRÂNIA: A HISTÓRIA DO PROJETO “UMA MALA CHEIA DE LIVROS”

Beth Ponte
Ponte Cultura
& Desenvolvimento

“Quanto tempo teremos que esperar até que os homens se tornem pacifistas? (...) Por quais estradas ou desvios isso irá acontecer é impossível adivinhar. Mas podemos estar certos de que tudo o que trabalha a favor do desenvolvimento da cultura também trabalha contra a guerra.”
Sigmund Freud em carta a Albert Einstein - *Por Que a Guerra?* (1932)

O 14º Seminário Internacional Biblioteca Viva, realizado entre os dias 26 e 30 de junho de 2023, teve como tema central o Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022. Para além do objetivo de afirmar o que é e o que deve ser uma biblioteca pública, o Manifesto tem o papel de instigar uma reflexão profunda entre profissionais da cultura e das bibliotecas,

no poder público e na sociedade como um todo. O documento pode nos ajudar a imaginar respostas para algumas perguntas centrais: qual a necessidade das bibliotecas públicas na sociedade contemporânea? Como desejamos que elas funcionem e a quem devem servir?

O Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO propõe uma variedade de definições possíveis para as bibliotecas públicas, refletindo a multiplicidade de papéis que essas instituições podem assumir para a sociedade. A biblioteca é uma “porta de acesso local ao conhecimento”, um “centro de informação” e um “espaço de acesso público para a produção de conhecimento, partilha e troca de informação e cultura”.





A biblioteca pública, porta de acesso local para o conhecimento, fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais. Ela sustenta as sociedades do conhecimento de forma saudável, providenciando o acesso e permitindo a criação e o compartilhamento do conhecimento de todos os tipos, incluindo o conhecimento científico e o local, sem barreiras comerciais, tecnológicas ou legais.

(IFLA; UNESCO, 2022)

No entanto, dentre todas as definições, uma em particular me chamou a atenção durante a leitura do Manifesto: a biblioteca como uma “força viva para a educação, a cultura, a inclusão e a informação”. E o que ocorre quando uma força viva se encontra no epicentro da destruição causada por uma guerra? Esse é o ponto de partida para o relato da palestra internacional com Maria Schubchyk, que tive a honra de mediar na manhã de 27 de junho de 2023.

UMA GUERRA E MUITAS MALAS CHEIAS DE LIVROS

Pouco mais de um ano antes, mais precisamente em 24 de fevereiro de 2022, a vida de milhões de ucranianos mudou drasticamente com a eclosão da guerra de agressão russa contra a Ucrânia. Desde então, o conflito resultou no exílio de um terço da população ucraniana, tornando-se atualmente a maior crise de deslocamento mundial. Mais de 8,2 milhões de ucranianos agora residem em países europeus como refugiados, sendo mais de um milhão na Alemanha.

Uma dessas pessoas foi Maria Schubchyk, coordenadora de Projetos de Promoção de Literatura e Tradução no Goethe-Institut Ucrânia. Nascida em 1987, na cidade de Sevastopol, Maria trabalha há 13 anos com bibliotecários, artistas, autores, ilustradores, editores, festivais literários ucranianos e alemães, bem como iniciativas de leitura e organizações da sociedade civil digital. Até março de 2022, ela vivia em Kiev, capital da Ucrânia, quando teve que fugir para a Alemanha com sua filha pequena.

Em sua palestra, Maria apresentou o inovador e inspirador projeto de resistência da cultura ucraniana por meio da distribuição de livros em bibliotecas públicas, que ajuda a manter viva a língua e identidade de uma nação deslocada pela guerra. O projeto surgiu como uma resposta a um problema que muitas famílias ucranianas enfrentaram quando foram forçadas a buscar refúgio em outros países: a escassez de livros no idioma ucraniano.

Muitas delas se estabeleceram na Alemanha, onde buscavam manter a conexão com sua cultura e língua nativa, sobretudo para crianças e jovens. No entanto, as bibliotecas alemãs tinham poucos livros disponíveis no idioma ucraniano. Ao mesmo tempo, toda a cadeia do livro e literatura na Ucrânia — autores(as), editoras e livrarias — também foi e continua sendo duramente impactada pela guerra.

Diante dessa situação, o Goethe-Institut Ucrânia e a Associação Alemã de Bibliotecas (DBV), com a ajuda do Instituto Ucraniano do Livro, iniciaram o projeto “Ein Koffer voll mit Büchern” - “Uma Mala Cheia de Livros”, para adquirir e fornecer obras ucranianas às bibliotecas públicas alemãs. A ação também fez parte das medidas do Ministério

Federal das Relações Exteriores da Alemanha para amenizar as consequências da guerra.

Em 29 de junho de 2022, com o apoio da Associação Alemã de Bibliotecas, foi lançado um processo de inscrição para bibliotecas interessadas em receber livros ucranianos. A expectativa inicial era de que cerca de 150 bibliotecas se envolvessem, mas a resposta foi surpreendente: apenas na primeira semana, foram recebidas em torno de 820 inscrições.

O processo para atender essa demanda foi dividido em três fases de compras e teve como foco livros infantis e infantojuvenis. No total, foram adquiridos 20 mil exemplares, que incluíam 89 títulos de 21 editoras ucranianas, com obras de 32 autores e autoras ucranianas. Esses livros foram distribuídos para 577 bibliotecas em 16 estados alemães e 11 bibliotecas de institutos Goethe em nove países europeus: Polônia, Hungria, Letônia, Romênia, Grécia, Espanha, República Tcheca, Itália e Cazaquistão.



FOTO: FLORIAN BOCCIA

BETH PONTE

Gestora cultural, pesquisadora e consultora pela Ponte Cultura & Desenvolvimento, é graduada em Produção Cultural, com mestrado em Cultura e Sociedade, pesquisadora associada do Observatório de Economia Criativa da Bahia e vice-presidente do Conselho de Administração da Associação Brasileira de Organizações Sociais da Cultura. De 2010 a 2018, foi diretora institucional do Programa Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia e, em seguida, tornou-se *german chancellor fellow* (2018/2019) da Fundação Alexander von Humboldt, na Alemanha, desenvolvendo o projeto Quality for Culture [Qualidade Para a Cultura]. Desde 2013, atua como professora convidada em cursos de pós-graduação em Gestão Cultural no Brasil e no exterior.



Para além da aquisição e distribuição de livros, o projeto promoveu uma série de leituras comentadas com autores e autoras ucranianas em 21 bibliotecas parceiras na Alemanha, com a participação de 260 crianças da Ucrânia.

No kit enviado às bibliotecas também havia informações detalhadas sobre os autores, sugestões para leituras e recomendações para a organização de leituras em bibliotecas, envolvendo mediadores de leitura voluntários — uma inovação, pois a figura do(da) mediador(a) não existe nas bibliotecas ucranianas.

Assim, colocando em prática uma das definições de bibliotecas como “geradoras de comunidades”, após a divulgação de uma chamada, mais de 400 ucranianos e ucranianas de diferentes idades e experiências se inscreveram para atuar na mediação de leitura nas bibliotecas alemãs. Em quatro reuniões informativas, esses voluntários foram orientados sobre onde encontrar livros da Ucrânia, como usar materiais didáticos e com quem entrar em contato se precisassem de ajuda. Atualmente, os voluntários

As bibliotecas são criadoras de comunidade, alcançando proativamente novos públicos e recorrendo à escuta efetiva para apoiar a elaboração de serviços que atendam às necessidades locais e contribuam para a melhoria da qualidade de vida. O público confia em sua biblioteca e, em troca, a biblioteca pública anseia por manter, proativamente, sua comunidade informada e consciente.

(IFLA; UNESCO, 2022)

estão estabelecendo contatos diretamente com as bibliotecas, organizando clubes de leitura e eventos para crianças ucranianas.

DESAFIOS E SOLUÇÕES PARA O ACESSO PLENO AOS LIVROS UCRANIANOS

Além dos imensos obstáculos logísticos de deslocar milhares de livros em meio a um país em guerra, o projeto “Uma Mala Cheia de Livros” enfrentou outros desafios para alcançar o objetivo de proporcionar literatura a refugiados ucranianos na Alemanha e em outros países europeus.

O primeiro deles foi como atingir o grupo-alvo, neste caso, os refugiados ucranianos. Como garantir que esses indivíduos, muitos dos quais acabando de chegar a um novo país, pudessem ter acesso aos livros? Para superar essa dificuldade, o envolvimento de voluntários ucranianos e os centros de imigração foram cruciais. Os ucranianos nas cidades se organizaram ativamente em grupos locais e mantiveram comunicação constante. Muitos desses indivíduos ativos ficaram felizes em ajudar a encontrar o público-alvo e apresentar as bibliotecas aos novos leitores. Além disso, o projeto criou módulos de texto em alemão e ucraniano para auxiliar na comunicação e divulgação do projeto.

O segundo desafio foi a navegação e identificação dos livros nas prateleiras das bibliotecas. Era fundamental que eles fossem acessíveis às comunidades refugiadas e efetivamente usados. Assim, as bibliotecas não recebiam apenas os livros, e sim um kit completo de materiais para colaborar com sua promoção e utilização. Os kits incluíam listas para catalogação, imagens prontas para impressão e sinalização das bibliotecas e uso em mídias sociais, módulos de texto em ucraniano, uma lista de livros por faixa etária, além de materiais didáticos para livros avulsos.

Pode parecer um detalhe pequeno, mas a importância da classificação e localização adequada dos livros é essencial. Para garantir que os exemplares em ucraniano fossem facilmente encontrados e não fossem confundidos com obras em russo, a equipe do projeto recomendou que as bibliotecas indicassem claramente nas prateleiras a presença das coleções em ucraniano.

A imensa procura pelo projeto, muito além das expectativas iniciais, também trouxe mais uma barreira: como atender às solicitações de tantas outras bibliotecas e entidades interessadas em montar as próprias estantes de livros ucranianos? Para responder a essa adversidade, os realizadores do projeto se uniram à organização da sociedade civil Chytomo e ao Centro Literário Ucraniano para a criação da iniciativa “Ukrainian Bookshelves Worldwide” [Estantes de livros ucranianos pelo mundo].

Essa nova ação mapeia e incentiva diversas outras iniciativas de distribuição e acesso a livros ucranianos para refugiados no exterior. Foram criados um banco de dados e um manual que contém recomendações sobre formação de equipe, captação de recursos, trabalho com o público, conteúdo do programa e organização de estantes ucranianas. Toda essa experiência é útil para aqueles que estão planejando criar, organizar ou estabelecer uma coleção de livros ucranianos em sua cidade, para melhorar o trabalho de iniciativas já existentes.

A GUERRA NA UCRÂNIA E O PAPEL FUNDAMENTAL DAS BIBLIOTECAS

Bibliotecas, arquivos, museus e espaços de memória ucranianos estão no epicentro da guerra de agressão russa, já que o conflito é uma investida direta contra a autonomia e o reconhecimento da Ucrânia como nação independente. Por isso, a cultura, a memória e a língua ucranianas são focos de ataque, como disse Maria em sua palestra: “Durante essa guerra de agressão, o exército russo realmente tem como alvo a destruição do patrimônio cultural da Ucrânia. Alegam que o país não tem direito à sua história, ao seu idioma, à sua cultura. Inegavelmente, todas as instituições culturais, os arquivos, as bibliotecas estão sob ataque, e muitas delas já foram destruídas”.

Dados do Ministério da Cultura e Política de Informação da Ucrânia, compartilhados pela Chytomo, mostraram que, até fevereiro de 2023, 1.322 instalações de infraestrutura cultural foram danificadas como resultado da invasão russa, incluindo 508 bibliotecas. Em seu relato, Maria destacou o exemplo da cidade de Mariupol, onde a moderna biblioteca pública com a qual o Goethe-Institut Ucrânia

desenvolvia projetos em parceria, foi completamente arruinada. Também em Kherson, uma cidade no sul da Ucrânia que esteve sob ocupação por nove meses, todas as bibliotecas foram saqueadas e os arquivos, destruídos.

“Muitos bibliotecários, editores e autores estão agora na linha de frente, combatendo na guerra. Aqueles que permaneceram precisam redobrar os esforços para manter as bibliotecas funcionando. Eles (os russos) tentam destruir as bibliotecas

da Ucrânia, mas, para nós, o que realmente interessa são as pessoas. O mais importante é que elas sobrevivam”, afirmou Maria.

O Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO tem outra definição marcante para as bibliotecas públicas, muito relacionada ao caso da Ucrânia: a biblioteca também deve ser um “agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual de todos os indivíduos”. Maria destacou em seu relato que as bibliotecas ucranianas também

tiveram de ampliar seu papel social, transformando-se em centros para deslocados, abrigos durante ataques aéreos e fontes confiáveis de informação. As bibliotecas evoluíram para se tornar um refúgio seguro, um centro comunitário de reunião.

“Muitas bibliotecas estão equipadas com sistemas de alerta de ataques aéreos e dispõem de espaços subterrâneos, onde guardam os arquivos. Recebemos informações de que muitas pessoas, especialmente os idosos e aqueles que estão sozinhos em casa, procuram o local quando se sentem amedrontados. Lá, eles compartilham essa difícil situação juntos, sentem-se seguros, acolhidos, e muitos bibliotecários já aprenderam a lidar com as pessoas nesse contexto de guerra. A nossa realidade atual é de bibliotecas como abrigos, como locais que acolhem indivíduos nessa situação de conflito.”

Maria observou, ainda, que a guerra física vem acompanhada de uma guerra de informação e desinformação. “Estamos tendo que lidar com *fake news* e propaganda, e respondemos a isso compartilhando as bibliotecas como ‘hubs de mídia’. A Ucrânia é um país grande e



descentralizado, por isso as bibliotecas desempenham papel crucial na disseminação de informações, por meio do contato direto com as pessoas.”

OLHAR COM ESPERANÇA PARA O FUTURO

Maria Schubchyk concedeu sua palestra em um momento muito especial: era a primeira vez, desde que fugira, que ela retornava a Kiev, para participar da Feira do Livro. O evento teve de se adaptar ao contexto da guerra e foi realizado em porte menor e com rigorosos protocolos de segurança para eventuais ataques aéreos. Mas para ela e muitos outros, o retorno à feira representou um momento de esperança e resistência em meio à guerra. “Isso dá aos ucranianos e ucranianas uma sensação de normalidade: isso é vida, e nela há cultura, há livros, há leitura e uma possibilidade de existência normal.”

Ela concluiu a palestra destacando a importância da cultura e literatura para a sobrevivência humana, especialmente em tempos de conflito. “Nós precisamos de cultura, sim. Nós necessitamos de bibliotecas, precisamos de livros. Porque é isso que nos mantém vivos, em primeiro lugar. Nesses tempos difíceis, necessitamos de

cultura, porque ela tem um papel existencial. É ela que nos suporta, que nos dá uma base e ajuda a olhar com esperança para o futuro.”

Enquanto a guerra continua, o projeto “Uma Mala Cheia de Livros” persiste no objetivo de manter viva a cultura ucraniana e fortalecer as comunidades. Seu sucesso até agora demonstra o papel indispensável das bibliotecas e da literatura na preservação da identidade cultural e na promoção da resiliência humana.

Com a realização dessa palestra internacional marcante, o Seminário Internacional Biblioteca Viva continua a se afirmar como um palco de destaque para discussões vitais sobre a importância das bibliotecas públicas para nosso presente e futuro comum. Seja em tempos de paz, seja em tempos de guerra, elas continuam sendo um farol de esperança, cultura e conhecimento, indispensáveis para a humanidade.

Referências:

Goethe-Institut Ukraine:
goethe.de/ins/ua/de/kul/uap/kof.html

Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022 (versão em português): repositorio.febab.org.br/items/show/6247

Por Que a Guerra? Indagações Entre Einstein e Freud (cartas). Carta de Freud (em espanhol). Caputh, próximo a Potsdam, 30 de julho de 1932:
<https://es.unesco.org/courier/marzo-1993/que-querra-sigmund-freud-escribe-albert-einstein>

SisEB. 14º Seminário Internacional Biblioteca Viva (vídeo). Palestra internacional: “Ein Koffer voll mit Büchern” - “Uma Mala Cheia de Livros”: youtube.com/watch?v=qYcANyAghyY&t=296s

Russians have damaged more than 500 libraries in Ukraine. Chytomo. Notícia de 7 de março de 2023:

chytomo.com/en/russians-have-damaged-more-than-500-libraries-in-ukraine/

Ukrainian Bookshelves Worldwide: <https://chytomo.com/en/about-ukrainian-bookshelves-worldwide/>

UN Office of the High Commissioner for Refugees (UNHCR). Ukraine Refugee Information. Operational Data Portal (ODP): data2.unhcr.org/en/situations/ukraine

POR UM NOVO PARADIGMA EM AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO DE AÇÕES CULTURAIS

Daniela Ribas
Sonar Cultural



Quero começar destacando dois pontos importantes do Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022:

- 1.** Pesquisas contínuas devem se concentrar na avaliação do impacto da biblioteca para agentes formuladores de políticas públicas. Os dados estatísticos devem ser coletados a longo prazo, já que os benefícios das bibliotecas na sociedade são frequentemente vistos nas gerações subsequentes.
- 2.** A biblioteca pública como força viva para a educação, cultura, inclusão e informação, como agente essencial para o desenvolvimento sustentável, para o desenvolvimento da paz e do bem-estar espiritual de todos os indivíduos.

O primeiro trecho salienta a necessidade de pesquisas contínuas que se concentrem na avaliação do impacto da biblioteca para agentes formuladores de políticas públicas. Ressalta-se que os dados estatísticos devem ser coletados a longo prazo, pois os benefícios das bibliotecas na sociedade são frequentemente vistos nas gerações posteriores.

O segundo evidencia a biblioteca pública como uma força viva para educação, cultura, inclusão e informação. Ela é reconhecida como um agente essencial para o desenvolvimento sustentável e a promoção da paz e do bem-estar espiritual de todos os indivíduos.



Pesquisas contínuas devem se concentrar na avaliação do impacto da biblioteca e na coleta de dados, objetivando demonstrar o benefício social das bibliotecas para os formuladores de políticas públicas. Os dados estatísticos devem ser coletados em longo prazo, pois os benefícios das bibliotecas na sociedade são frequentemente observados nas gerações subsequentes.

(IFLA; UNESCO, 2022)

A relevância desses dois pontos é inquestionável, porém, como vou argumentar adiante, não dialogam entre si. O primeiro trata de pesquisa quantitativa e o segundo aborda aspectos qualitativos.

Atualmente, o paradigma da avaliação se concentra em medir o impacto das bibliotecas para os gestores e as políticas públicas. No entanto, seria fundamental uma mudança de referência que visibilizasse o valor das bibliotecas para a sociedade como um todo. Podemos tomar como exemplo a área ambiental, que conseguiu alterar sua comunicação, destacando o valor do meio ambiente para a humanidade. Essa mudança de perspectiva foi essencial para conscientizar a sociedade sobre a importância da preservação ambiental.



FOTO: PATRÍCIA SORANSSO

DANIELA RIBAS

Diretora da Sonar Cultural Consultoria, professora de Music Business na Music Rio Academy, Música & Negócios PUC-Rio, Faculdade Souza Lima, On Stage Lab e Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Consultora em planejamento e gestão de carreira na música, com base em análise de dados e tendências de comportamento de público. É doutora em Sociologia e, com sua tese, criou o método ID_MUSIQUE: Fanbase além do algoritmo, ganhando o prêmio Inovação Empresarial da Fundação Fórum Campinas, em 2021. Em 2022 foi mentora convidada da WOMEX e ganhou o prêmio WME na categoria Profissional do Ano. Foi consultora da UNESCO e do Mercosul Cultural, pesquisadora do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo, diretora de pesquisa do DATA SIM e pesquisadora em Economia Criativa para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.



O Manifesto proclama a confiança da Unesco na biblioteca pública enquanto força viva para a educação, a cultura, a inclusão e a informação, e enquanto agente essencial para o desenvolvimento sustentável e para a promoção da paz e do bem-estar espiritual de todos os indivíduos.

(IFLA; UNESCO, 2022)



Durante a pandemia, ficou evidente o valor do autocuidado para a saúde mental. No entanto, a sociedade acabou direcionando esse conceito para o *skincare* e o “tempo para si”, em uma realidade marcada pela economia da atenção e pela sociedade do cansaço. A área cultural poderia ter aproveitado esse contexto para comunicar melhor o seu valor para a sociedade. Infelizmente, as questões relacionadas à indústria cultural, como a remuneração, direcionaram os esforços para a realização de *lives*, em vez de uma reorientação do modelo de comunicação, que deveria ser centrado em mostrar o valor da cultura para a humanidade.

Nesse sentido, a avaliação das bibliotecas acaba ficando restrita à gestão de políticas e recursos, enquanto o monitoramento se limita a manter tudo sob controle. Apenas o primeiro ponto do Manifesto, que aborda a pesquisa estatística, refere-se à capacidade de produção de métricas a partir de dados quantitativos, que, embora sejam necessárias, são insuficientes e ainda podem ser interpretadas de maneira equivocada pelos gestores.

E se a avaliação medisse a felicidade e o bem-estar espiritual, como proposto no segundo ponto do Manifesto? Como podemos mensurar o nível de bem-estar dos seres humanos? Uma maneira natural seria perguntar o quanto as pessoas estão satisfeitas com a própria vida. Entretanto, também é necessário questionar quais hábitos, instituições e condições materiais produzem uma sociedade em que as pessoas têm maiores níveis de felicidade.

Nesse contexto, é importante mencionar a Resolução 66/281 da Organização das Nações Unidas (ONU), que proclama 20 de março como o Dia Internacional da Felicidade, adotado há dez anos. A ONU também lança anualmente o relatório da felicidade, conhecido como *The World Happiness Report*, desde 2012. Esse documento busca evidenciar quais características da população explicariam as diferenças no índice de felicidade entre os países.

Segundo o relatório, para se constituir uma sociedade feliz é necessário ter saúde física e mental, relações humanas saudáveis, renda e emprego estáveis, virtudes de caráter, suporte social, liberdade pessoal,

ausência de corrupção e um governo efetivo. Além disso, o estudo destaca a importância de uma sociedade com cidadãos íntegros, instituições que favoreçam o desenvolvimento de comportamentos virtuosos e condições materiais que propiciem o desenvolvimento dessas condutas.

As conexões sociais positivas e os comportamentos pró-sociais também são fatores-chave para a felicidade e o bem-estar das pessoas. Infelizmente, um quarto da população mundial relata se sentir sozinha ou isolada, o que destaca a importância de se promover conexões sociais positivas e combater a solidão. O altruísmo também pode trazer benefícios emocionais, e é essencial considerar o bem-estar das gerações futuras ao se tomar decisões no tempo presente. Nesse sentido, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da ONU, são vitais para garantir um meio ambiente sustentável e os direitos humanos, fundamentais para uma vida feliz.

Em suma, fica claro que os interesses dos outros e um meio ambiente sustentável são essenciais para a felicidade. Os seres humanos não são formados apenas por seus gostos e valores pessoais, e sim pelas instituições sociais em que vivem e pelas normas que delas absorvem. Portanto, para promover o bem-estar humano, é necessário que as instituições sociais de cada país atuem de maneira a contribuir para esse objetivo — que deve ser medido, monitorado e avaliado — ao contrário de se considerar, de modo isolado, apenas estatísticas de frequência e empréstimos, entre outros.



Nesse contexto, é importante ressaltar o papel central que as bibliotecas podem desempenhar. Elas podem se tornar protagonistas na alfabetização algorítmica e, na luta contra as *fake news*, que, atualmente, são processos sociais de extrema relevância. Da mesma forma, a música também poderia desempenhar um papel fundamental nesse sentido. Se as bibliotecas e a música conseguissem comunicar efetivamente seu valor simbólico intrínseco, gerariam um enorme valor a ser absorvido pela sociedade.

Diante desse cenário, surge a pergunta: como fazer a mudança de paradigma na avaliação das ações culturais? Apresento brevemente algumas sugestões para o estudo de públicos, além do necessário mapeamento de barreiras simbólicas:

- 1. Estabelecer novos objetivos de pesquisa, que não se restrinjam apenas aos recursos e à gestão da política cultural, por mais importantes que sejam.**
- 2. Formular novos questionamentos e indagações, desenvolvendo hipóteses que explorem o impacto social e o bem-estar proporcionados pelas ações culturais.**
- 3. Mapear as relações entre os usuários além do ambiente da biblioteca, considerando a influência nas redes sociais, comunidades e interações cotidianas.**
- 4. Estruturar a aquisição de valores e virtudes, indo além da simples conquista de repertório cultural, e entender como as ações culturais podem contribuir para o desenvolvimento de comportamentos virtuosos.**

5. Utilizar ferramentas tecnológicas inovadoras, que superam os tradicionais questionários, permitindo uma compreensão mais profunda do impacto das ações culturais na vida das pessoas.

6. Focar na comunicação do valor simbólico intrínseco das ações culturais, destacando seu significado e relevância para a sociedade, sem limitá-las a objetivos econômicos ou de gestão.

Em conclusão, a avaliação do impacto das bibliotecas e das ações culturais precisa transcender as métricas quantitativas e alcançar uma compreensão mais profunda do bem-estar humano e do valor simbólico intrínseco dessas instituições. Seres humanos não são meros consumidores de informações, e sim indivíduos que se constroem e se desenvolvem em um contexto social e cultural. Para promover o bem-estar e a felicidade, é preciso que as instituições sociais atuem de maneira a contribuir para esse objetivo, e a avaliação deve refletir essa perspectiva mais ampla.



TRANSFORMAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO DIGITAL PARA OS ODS: O CASO DAS BIBLIOTECAS DE JOANESBURGO

Jeff B. Nyoka

Bibliotecas de Joanesburgo, África do Sul



O papel da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), enquanto organização para o fornecimento de diretrizes para bibliotecas públicas, nunca pode ser subestimado, uma vez que a IFLA fornece recomendações e diretrizes baseadas nos objetivos comuns de educação continuada dos funcionários das bibliotecas e com interesse na sustentabilidade dos serviços bibliotecários. Desde a introdução da tecnologia por meio de serviços de *e-learning*, o Departamento de Bibliotecas e Serviços de Informação da Cidade de Joanesburgo (COJ LIS) sempre dispôs de consultas com diferentes partes interessadas, como organizações locais e internacionais como a IFLA, líderes locais, comunidades, funcionários

das bibliotecas e a colaboração e parceria com ONGs e empresas que compartilham objetivos semelhantes no desenvolvimento comunitário, uso de bibliotecas públicas e emprego produtivo de tecnologias.

O Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022 é um dos documentos que forneceu orientação e apoio para a jornada da transformação digital das bibliotecas de Joanesburgo. As tecnologias digitais são fundamentais para a jornada de transformação digital; e a transformação eficaz dos serviços bibliotecários na economia digital é largamente influenciada pelo nível de alfabetização digital entre as comunidades e os funcionários das bibliotecas, para que haja aproveitamento pleno das tecnologias visando os

1. Diepsloot e Kya Sand;
2. Mldrand e Ivory Park;
3. Fourways Sunninghill, Woodmead, Strijdom Park, Randburg Sandton;
4. Northcliff, Rosebank e Parktown;
5. Northgate, Constantia Kloof e Roodepoort;
6. Dobsonville, Soweto e Protea Glen;
7. Wynberg, Alexandra e Bruma;
8. Johannesburg CBD;
9. City Deep, Aeroton e South Gate;
10. Meadowlands e Diepkloof;
11. Lenasia, Ennerdale e Orange Farm.

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a manutenção da relevância dos serviços bibliotecários.

CIDADE DE JOANESBURGO (COJ)

O Município Metropolitano Cidade de Joanesburgo (COJ) se localiza em Gauteng, uma das nove províncias da África do Sul. O COJ é um município industrial, com mais de 6 milhões de habitantes, que atrai visitantes internacionais e cidadãos de outras províncias em busca de emprego, oportunidades de negócio e estudo.

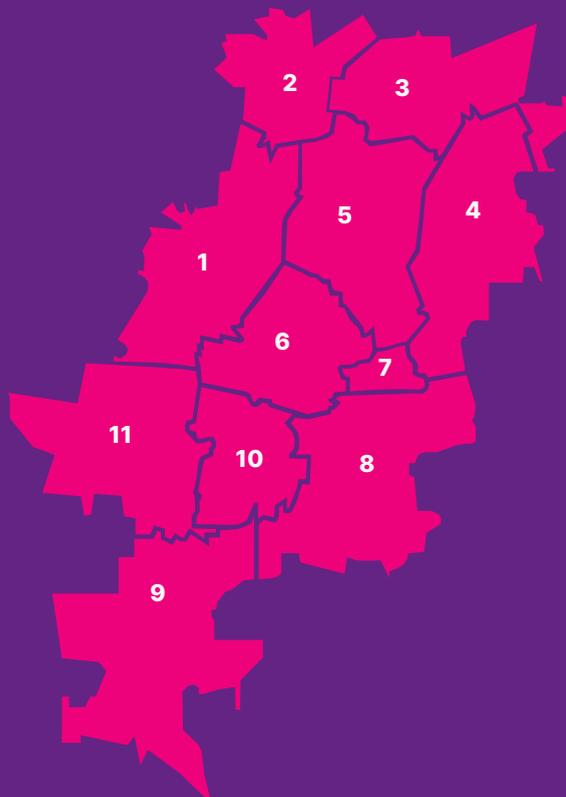


FOTO:IFLA

JEFF B. NYOKA

Gerente de *e-learning* das Bibliotecas e Serviços de Informação de Joanesburgo, África do Sul, tem mais de 20 anos de experiência em bibliotecas acadêmicas e públicas. Contribuiu na edição de livros de alfabetização digital e é responsável pela implantação de alfabetização digital inovadora nos programas. Por meio dos serviços de *e-learning*, as bibliotecas de Joanesburgo foram indicadas para vários prêmios internacionais. É palestrante em conferências nacionais e internacionais, como na Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias, na Occupy Library, na Next Library e no Taiwan Reading Festival.

AS BIBLIOTECAS DE JOANESBURGO E A VISÃO DE CIDADE INTELIGENTE

As bibliotecas de Joanesburgo somam 89 instituições, espalhadas por sete regiões.

O Departamento de Bibliotecas e Serviços de Informação da Cidade de Joanesburgo (COJ LIS) pertence ao Departamento de Desenvolvimento Comunitário da Cidade de Joanesburgo.

O COJ LIS introduziu serviços de *e-learning* como parte da Visão de Cidade Inteligente, centrada na exploração do uso de tecnologias para garantir fácil acesso aos

serviços e melhorar a qualidade de vida, por meio de inovações e investimento em infraestrutura de banda larga confiável e outras tecnologias. Em 2006, o COJ elaborou a Estratégia 2040 de Crescimento e Desenvolvimento de Joburg (Joburg ECD 2040) como “uma estratégia aspiracional

que define o tipo de sociedade que a cidade almeja ser até 2040”, e a Visão de Cidade Inteligente, que, trabalhando com os departamentos do COJ, apoia essa estratégia. Os serviços de *e-learning* das bibliotecas do COJ respondem à Visão de Cidade Inteligente, concentrando-se em:

MELHORAR A EMPREGABILIDADE DOS JOVENS: as bibliotecas exploram e conscientizam sobre as opções oferecidas pelas tecnologias para o desenvolvimento de carreira e competências, prontidão para o trabalho e competências necessárias para a busca de emprego.

INCENTIVAR O EMPREENDEDORISMO: as bibliotecas criam consciência sobre as oportunidades apresentadas pelas tecnologias digitais para o trabalho autônomo, com a pesquisa de ideias de negócios, financiamento, *networking* e marketing de negócios.

REDUZIR O FOSSO DIGITAL ENTRE OS CIDADÃOS: as bibliotecas adotam atividades de alfabetização digital que introduzem diferentes competências digitais em diversas comunidades, visando atenuar o medo da tecnologia, permitir a aprendizagem e o acesso à educação de qualidade e à aprendizagem ao longo da vida.

PERMITIR O ACESSO À ECONOMIA DO CONHECIMENTO E ECONOMIA DIGITAL: as bibliotecas fornecem acesso a tecnologias como Wi-Fi gratuito e espaços seguros para garantir que as comunidades possam utilizar a tecnologia de maneira segura para transações on-line, aprendizagem, comunicações e no compartilhamento de bens e serviços.





Almeja-se, com os objetivos listados, dar um caráter híbrido aos serviços de biblioteca — que abrangem o acesso à informação, à aprendizagem, às atividades recreativas e ao conhecimento — com foco no desenvolvimento da primeira infância, apoio educacional, alfabetização

informacional e digital para todos. Isso é apoiado por meio do fornecimento de Wi-Fi gratuito, programas de alfabetização digital e tecnologias digitais de fácil utilização, tais como computadores portáteis, tablets e recursos eletrônicos.

ALINHAMENTO DO MANIFESTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA IFLA-UNESCO 2022 COM A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL COJ LIS

Pontos proeminentes (observados desde 2014)

MANIFESTO IFLA	COJ LIS: ALINHAMENTO E IMPLANTAÇÃO
Bibliotecas públicas são centros locais de informação, que proporcionam prontamente todos os tipos de conhecimento e informação e, como um componente essencial das sociedades do conhecimento (...)	O COJ LIS considera que as bibliotecas existem em um mundo digital e, portanto, devem apoiar e incentivar a cidadania inteligente.
Adaptando-se aos novos meios de comunicação para cumprir seu mandato de fornecer acesso universal e permitir o uso significativo da informação.	As bibliotecas públicas devem explorar as opções oferecidas pelas tecnologias digitais.
As bibliotecas públicas proporcionam espaço para a produção de conhecimento, partilha e troca de informação e cultura e, ainda, a promoção do envolvimento cívico.	As bibliotecas públicas devem apoiar a criação de conteúdos digitais e a utilização de plataformas digitais por meio de programas de alfabetização digital.
As bibliotecas públicas criam serviços que satisfazem as necessidades locais e contribuem para melhorar a qualidade de vida.	A estratégia de transformação digital do COJ LIS explora o acima exposto, redesenhando e ressignificando os espaços das bibliotecas.

FINANCIAMENTO, LEGISLAÇÃO E REDES

O acesso ao edifício e aos serviços da biblioteca pública é, em princípio, gratuito. A biblioteca pública é de responsabilidade das autoridades locais e nacionais e deve ser amparada por meio de legislação específica e atualizada, alinhada aos tratados e acordos internacionais. A biblioteca pública deve ser financiada pelos governos nacionais e locais e tem de ser um componente essencial de qualquer estratégia em longo prazo para a cultura, o acesso à informação, a alfabetização e a educação

Na era digital, a legislação de direitos autorais e de propriedade intelectual deve garantir às bibliotecas públicas a mesma capacidade de adquirir e fornecer acesso a conteúdo digital em condições razoáveis, como é o caso dos recursos físicos.

Para assegurar a coordenação e cooperação das bibliotecas em todo o país, a legislação e os planos estratégicos devem, ainda, definir e promover uma rede nacional de bibliotecas pautada em padrões de serviço previamente acordados.

A rede de bibliotecas públicas deve ser projetada tendo em conta as bibliotecas nacionais, regionais, de pesquisa e especializadas, bem como as bibliotecas escolares e universitárias.

(IFLA; UNESCO, 2022)

TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

DEFINIÇÃO No contexto dos serviços das bibliotecas do COJ, a transformação digital é definida como a exploração da integração de tecnologias digitais em todas as áreas de trabalho das bibliotecas, resultando em uma mudança fundamental no modo como estas operam e trazem valor para as comunidades, aumentando, assim, sua eficiência e produtividade.

PRONTIDÃO Para alcançar a transformação digital, as bibliotecas necessitam compreender o tipo de liderança e equipe da biblioteca que irá implantar os programas de transformação digital. A liderança e a força de trabalho devem ser dinâmicas e adaptáveis, abertas a novas ideias e dispostas a transformar as formas tradicionais de trabalho. A equipe da biblioteca deve estar pronta para integrar diferentes tecnologias digitais e disposta às falhas que podem ocorrer durante o processo. Os bibliotecários que são abertos a aprender e experimentar novidades têm mais probabilidade de adotar inovações tecnológicas. As operações das bibliotecas precisam ser ágeis e disponíveis às movimentações, com treinamento e apoio da equipe.

ALFABETIZAÇÃO DIGITAL (E OUTRAS ALFABETIZAÇÕES)

As bibliotecas sempre apoiaram a alfabetização básica com a oferta de material de leitura e espaços. A alfabetização informacional é a função central dos bibliotecários.

No âmbito da transformação na economia digital e com os objetivos da Visão de Cidade Inteligente do COJ, a alfabetização digital, definida como a capacidade de utilizar tecnologias digitais para encontrar, avaliar, criar e comunicar informação, exigindo competências cognitivas e técnicas, tornou-se uma prioridade, pois também apoia outras alfabetizações.

Nas bibliotecas do COJ, a alfabetização digital é o núcleo do processo de transformação digital e parte dos serviços de *e-learning*. Os programas de alfabetização digital auxiliam os usuários das bibliotecas na aquisição de novas habilidades digitais ou na melhoria das existentes — nesse sentido, também colaboram para reduzir o medo da tecnologia, aumentando a interação do indivíduo com ela, capacitando, assim, as comunidades a explorar várias opções oferecidas pela ferramenta.

ESPERA-SE QUE AS BIBLIOTECAS OFEREÇAM AS SEGUINTE ATIVIDADES:

- Aulas de informática nas bibliotecas que possuem notebooks ou por meio de alfabetização móvel.
- Aprendizagem on-line (incluindo leitura, escrita e estudo) para as comunidades pelo site da biblioteca, cojelearning.org.za, ou outras fontes.
- Atividades de alfabetização digital envolvendo o uso de dispositivos móveis como parte da gamificação.
- Criação de conteúdo digital.



ALFABETIZAÇÃO DIGITAL: FOCO NA ALFABETIZAÇÃO MÓVEL

Em 2018, as bibliotecas do COJ exploraram diferentes áreas da alfabetização digital. Em razão do aumento do número de dispositivos móveis entre os jovens e do fornecimento de Wi-Fi gratuito nas bibliotecas, o COJ introduziu a alfabetização móvel como parte da alfabetização digital — definida como a capacidade de usar dispositivos móveis de maneira segura e produtiva para aprendizagem, desenvolvimento pessoal e obtenção de conteúdo digital.



A biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus usuários todos os tipos de conhecimento e informação. Ela é um componente essencial das sociedades do conhecimento, adaptando-se continuamente aos novos meios de comunicação para cumprir seu encargo de garantir o acesso universal e permitir o uso significativo de informação para todas as pessoas. Ela oferece espaço de acesso público para a produção de conhecimento, compartilhamento e troca de informações e cultura, e promoção do engajamento cívico.

ALFABETIZAÇÃO MÓVEL: CONCEITOS

- Alfabetização midiática: desinformação, verificação de fatos, notícias falsas, empregos falsos, transtorno de informação.
- Segurança da internet e uso de Wi-Fi.
- Atividades de desenvolvimento de leitura, escrita e narração de histórias: obtenção de aplicativos e sites para leitura, escrita e registro em diário.
- Criação de conteúdo digital: uso de dispositivos para elaborar e gravar conteúdo.

ALFABETIZAÇÃO MÓVEL: EM TODO E QUALQUER LUGAR

- Por meio de colaborações e parcerias, trabalhando com ONGs e empresas para a formação dos funcionários das bibliotecas e do público.
- Compartilhamento de recursos: determinadas bibliotecas compartilham seus dispositivos com outras que têm poucos recursos. Tablets ou laptops são transportados para diferentes locais para ser utilizados em programas estruturados.
- Salas de aula remotas móveis. A área de *e-learning* apoia as bibliotecas oferecendo uma sala de aula móvel para diferentes espaços, inclusive ao ar livre, para programas estruturados de alfabetização digital.

(IFLA; UNESCO, 2022)

**OBJETIVOS DE
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL (ODS)
ALCANÇADOS COM
OS PROGRAMAS DE
ALFABETIZAÇÃO
DIGITAL**

**ODS 4: EDUCAÇÃO
DE QUALIDADE**

- Fornecimento de acesso guiado a cursos on-line.
- Introdução de conceitos de codificação, auxiliando as escolas nesse novo assunto.
- Mobi-Readathon: programa criado pelas bibliotecas do COJ para o ensino médio visando desenvolver a leitura e suprir a escassez de livros. No site das bibliotecas, os alunos têm acesso gratuito a *e-books* e respondem a questionários de competição de leitura. Além disso, podem usar o Wi-Fi das bibliotecas, gratuitamente, se estiverem presencialmente no local.

**ODS 9: INDÚSTRIA,
INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA**

- As bibliotecas fornecem ao público acesso gratuito à infraestrutura de rede da cidade.

**ODS 17: PARCERIAS E MEIOS
DE IMPLEMENTAÇÃO:
COMPUTAÇÃO EM NUVEM E
INFRAESTRUTURA DE REDE**

- Parcerias com empresas de tecnologia da informação e comunicação (TIC) que oferecem cursos on-line gratuitos. As bibliotecas não precisam pagar pelos cursos ou o armazenamento, uma vez que as companhias dispõem desses sistemas de gestão da aprendizagem.

**ODS 8: BOA SAÚDE E
ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL**

- O Programa de Alfabetização Digital e Escrita Criativa para Idosos proporciona um espaço para os cidadãos da terceira idade aprenderem competências digitais utilizando a infraestrutura de rede da cidade, além da possibilidade de acessar cursos de alfabetização digital e Wi-Fi gratuito. O programa resultou na publicação de uma antologia intitulada *COJ Senior Citizens Write* [Idosos do COJ Escrevem], uma coletânea de histórias criadas e digitadas pelos participantes. O livro está disponível na maioria das plataformas digitais de venda de livros internacionais, como Amazon, Barnes e Google Play (*ver destaques a seguir*).



**Programas de apoio e educação
de usuários devem ser ofertados
de modo a fazê-los se beneficiar
de todos os recursos.**

(IFLA; UNESCO, 2022)

DESTAQUES DA ALFABETIZAÇÃO DIGITAL DAS BIBLIOTECAS DO COJ

* **MOBI-READATHON**
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE LEITURA “LEIA COM TECNOLOGIA”. É um projeto de desenvolvimento de leitura que visa apresentar aos jovens do ensino médio as ferramentas de leitura e escrita dos dispositivos móveis. O programa combina o desenvolvimento da leitura e a alfabetização digital, à medida que os alunos interagem com a tecnologia enquanto leem. As escolas competem regionalmente, lendo histórias selecionadas carregadas em *e-readers*, ou utilizam os próprios dispositivos móveis, como smartphones, tablets ou computadores portáteis, para ler histórias selecionadas a partir de plataformas digitais recomendadas. Lançado em 2022, o programa foi um sucesso em 2023. Inicialmente, 15 escolas foram convidadas, mas, em decorrência da

utilização da plataforma on-line (o site da biblioteca), acessível em qualquer lugar, mais de 50 escolas, totalizando 507 alunos, cadastraram-se para baixar e ler histórias.

* **PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DIGITAL E ESCRITA CRIATIVA PARA IDOSOS.** Introduzido, em 2018, em uma biblioteca com 35 idosos que queriam aprender conhecimentos básicos de informática, o programa se expandiu para um curso de escrita criativa, para que, assim, os participantes fossem capacitados a escrever suas histórias de vida. As vinte melhores narrativas foram publicadas gratuitamente em um livro em parceria com a University of Johannesburg Press. Outras filiais também estruturaram o programa, na esperança de produzir o volume dois do livro com histórias de idosos escritas em seu próprio idioma.



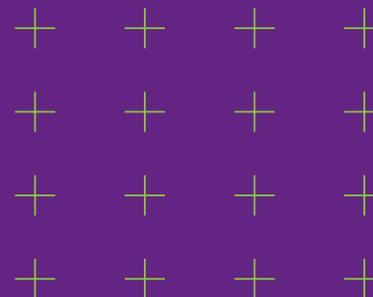
FOCO NA TRANSFORMAÇÃO DIGITAL PARA BIBLIOTECAS DO COJ: O FUTURO

A transformação digital nas bibliotecas do COJ se concentra, principalmente, nas “pessoas”, antes de integrar tecnologias. O usuário e o pessoal das bibliotecas são prioridade.

Os bibliotecários do COJ também foram incentivados a aprender novos conceitos e a se inscrever em cursos de áreas externas à biblioteconomia. Melhorar a satisfação do cliente é um elemento importante da integração de tecnologias, e o novo sistema de biblioteca contribuirá para esse objetivo.

RESULTADO ANTECIPADO DA TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

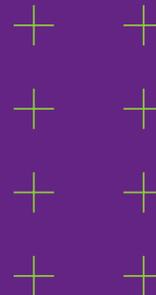
- Serviços de biblioteca transformados, em que os usuários podem acessar os serviços disponíveis e se comunicar, entre si ou com outras bibliotecas, a qualquer hora e em qualquer lugar.
- Transformação do pessoal/ equipe da biblioteca por meio de requalificação e aprimoramento contínuos, feitos em colaboração com diferentes partes interessadas que usam a tecnologia.
- Acervos transformados, afrocentrados e globais, com materiais eletrônicos que ofereçam conteúdo e idiomas locais, sendo necessário o aperfeiçoamento de políticas e processos de desenvolvimento de acervos para abranger as tecnologias emergentes.
- Espaços de biblioteca transformados: novas bibliotecas e espaços centrados na comunidade e com tecnologia habilitada para apoiar: 1) trabalho ou aprendizado domiciliar; 2) *startups* de *e-business*; e 3) transações na economia digital.





O bibliotecário é um intermediário ativo entre os usuários e os recursos informacionais, tanto digitais quanto tradicionais. Recursos humanos e informacionais suficientes são imprescindíveis para garantir serviços adequados, bem como uma formação profissional e continuada do bibliotecário, visando enfrentar os desafios do presente e do futuro. Os profissionais da biblioteca devem consultar especialistas visando definir quantitativa e qualitativamente os recursos necessários.

(IFLA; UNESCO, 2022)



ONDE O BRASIL ENCONTRA JOANESBURGO: RELATOS DE UM PAÍS AFRICANO INSPIRAM BIBLIOTECAS BRASILEIRAS

Valéria Valls

Fundação Escola
de Sociologia e
Política de São Paulo

No dia 30 de junho de 2023, durante a 14ª edição do Seminário Internacional Biblioteca Viva — Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO: por que, como e para quem?, foi realizada a palestra internacional “Transformação e alfabetização digital para os ODS: o caso das bibliotecas de Joanesburgo”, com Jeff B. Nyoka, gerente de *e-learning* das Bibliotecas e Serviços de Informação de Joanesburgo, África do Sul. Nessa edição do encontro, mais uma vez, foi possível conhecer uma experiência internacional para ampliar nossa visão sobre as bibliotecas de acesso aberto e sua importância para seus territórios. O destaque dessa apresentação foi o relato de um país africano que, como pudemos perceber, tem muitas semelhanças com nossa realidade e certamente servirá de inspiração para bibliotecas brasileiras.

Nesse sentido, uma breve análise da exposição de Nyoka traz algumas reflexões para registrar esse momento tão importante do evento. Para iniciar, ele se mostrou muito contente em poder compartilhar com os colegas brasileiros um pouco da experiência de Joanesburgo, em especial sobre o uso de tecnologias nas

bibliotecas. O foco da explanação foi a jornada de transformação digital das bibliotecas e as tecnologias envolvidas nessa transformação, objetivando o desenvolvimento sustentável. A partir dessa introdução, foi feito um panorama dos programas implantados, tendo como pano de fundo o Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022. Foi enfatizada a importância de as bibliotecas públicas existirem no mundo digital, estimulando a cidadania inteligente, com cidadãos confortáveis em utilizar a tecnologia e senso crítico para absorver esses conteúdos, incluindo jovens, pessoas da terceira idade e a população em geral.

Assim, bibliotecas atuando como polos de produção e compartilhamento de informações e conhecimento em formato digital exigirão esforços não somente em relação ao uso da tecnologia em si, como também, por exemplo, a aspectos referentes a direitos autorais. Nyoka destacou que esses programas podem ter um impacto direto e indireto na melhoria da vida das pessoas em vários sentidos, com informação qualificada e troca de experiências.





Avançando no relato, Nyoka informou que as experiências das bibliotecas de Joanesburgo relacionadas à alfabetização digital e informacional já estão sendo realizadas há sete anos. Ele apresentou várias iniciativas implantadas em relação à transformação digital, que é um conceito novo no ambiente biblioteconômico e agrega valor às comunidades, com base nas transformações por elas vivenciadas. Não é somente utilizar a tecnologia, e sim transformar a vida dos indivíduos com o uso dessa ferramenta (foi dada muita ênfase a esse aspecto durante a palestra). Não foi desconsiderado que muitas bibliotecas sofrem problemas de investimentos, recursos, mão de obra, além de regulações referentes à tecnologia; ademais, que nem sempre é fácil implantar e manter projetos relacionados à tecnologia. Nyoka ressaltou, num contexto motivador: “O que você faz com o pouco que se tem para mudar vidas e sustentar os seus serviços?”, e exigiu muita criatividade das equipes envolvidas para que sejam mantidos serviços relevantes diante de tantos desafios e obstáculos.

Os serviços da biblioteca pública são prestados com base na igualdade de acesso para todos, independentemente de idade, etnia, gênero, religião, nacionalidade, idioma, condição social e qualquer outra característica. Serviços e materiais específicos devem ser disponibilizados para aqueles que não podem, por qualquer razão, recorrer aos serviços e aos materiais usuais, como, por exemplo, minorias linguísticas, pessoas com deficiência, com escassa habilidade digital, em informática ou em alfabetização, e pessoas hospitalizadas ou encarceradas.

(IFLA; UNESCO, 2022)

Assim, temas como *smart city* e aprendizagem ao longo da vida foram abordados, contextualizando as experiências das bibliotecas sul-africanas com a melhoria da empregabilidade das comunidades, diminuição da exclusão digital, ampliação de conhecimento econômico etc. Isso com serviços tradicionais muitas vezes migrando para plataformas digitais, inclusive dispendo de serviços híbridos, já que muitas bibliotecas não têm recursos

tecnológicos mínimos disponíveis. Nyoka citou o exemplo de uma biblioteca que nem sequer dispunha de energia elétrica, cenário que foi alterado com a cessão de um gerador por uma empresa.

Ele enfatizou também que a transformação digital das bibliotecas não pode desconsiderar o panorama que muitos países vivenciam, com desemprego, pobreza, desigualdades educacionais, dificuldade para acessar tecnologia,

corrupção, crise energética e imigração, entre outros aspectos. E a análise desse cenário apoia o estabelecimento das metas de desenvolvimento sustentável alinhadas aos serviços prestados pelas bibliotecas, já que a realidade local pode e deve impulsionar ações de transformação digital. Sobre o assunto, ele citou alguns exemplos em sua fala, com destaque para parcerias firmadas, com ênfase a empresas comprometidas com o desenvolvimento local e a aprendizagem dos territórios. Além disso, abordou a necessidade de os gestores conhecerem as competências da equipe e os recursos disponíveis, para planejar e implantar ações, sem desconsiderar as profundas mudanças ocorridas durante e após a pandemia, principalmente em relação à criação e ao acesso a conteúdos digitais.



As coleções e os serviços não devem estar sujeitos a qualquer forma de censura ideológica, política ou religiosa, nem a pressões comerciais.

(IFLA; UNESCO, 2022)

Outro ponto bastante interessante da palestra foi sobre as métricas instituídas nos programas instaurados — foi citado que um indicador curioso são as “histórias de impacto ou sucesso”, que, segundo a opinião do palestrante, têm muito mais relevância do que números de participantes ou outras medições, já que o principal objetivo das ações e programas instaurados orbitam na transformação pessoal a partir do aprendizado que as bibliotecas podem apoiar, atuando como um suporte às comunidades, no acesso presencial ou remoto. Por exemplo, as bibliotecas sediando universidades com ensino a distância, além de parcerias com grandes empresas de tecnologia, Organizações Não Governamentais (ONGs) e o poder público.



FOTO: JENNIFER GLASS

VALÉRIA VALLS

Doutora e mestra em Ciências da Comunicação e graduada em Biblioteconomia e Documentação, é coordenadora acadêmica e docente do curso de graduação em Biblioteconomia e docente de pós-graduação da área de Ciência da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Membro do Conselho de Administração da SP Leituras, do Conselho Federal de Biblioteconomia, coordenadora da Comissão de Ética Profissional, ouvidora e participante da Comissão de Diversidade e Acessibilidade. Consultora associada em projetos ligados à gestão da qualidade, informação e conhecimento, e palestrante nos seguintes temas: gestão do conhecimento, inovação e aspectos contemporâneos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Todas as faixas etárias devem encontrar documentos adequados às suas necessidades. As coleções e serviços devem abarcar todos os tipos de mídia apropriada e tecnologia moderna, bem como suportes tradicionais. É fundamental que sejam de alta qualidade, condizente com as necessidades e condições locais, e que reflitam a diversidade linguística e cultural da comunidade. As coleções devem retratar as tendências contemporâneas e a evolução da sociedade, assim como a memória do esforço humano e de sua criatividade.

Concluindo sua fala, Nyoka fez um panorama sobre a alfabetização digital, colocando esse conceito “à frente” da alfabetização informacional e básica, realizada nas escolas tradicionais, uma vez que ela dá suporte às demais formas de aprendizagem, especialmente no mundo pós-pandêmico, com o aumento dos recursos tecnológicos e dispositivos móveis, que muitas vezes não estão disponíveis para toda a população.

(IFLA; UNESCO, 2022)





No caso da África do Sul, em inúmeras ocasiões, cabe aos programas das bibliotecas proporcionar esse acesso, otimizando os recursos disponíveis de maneira criativa. Ele citou também a necessidade de capacitação e motivação das equipes das bibliotecas, o que gerou alguns comentários intrigantes por parte da audiência via *chat*. E, utilizando uma metáfora, Nyoka listou quais seriam os ingredientes responsáveis pela transformação digital: liderança dinâmica e adaptativa, aberta às mudanças e inovações, além de acesso a metodologias ágeis. Além destes, foco na transformação com base em quatro áreas: experiência do usuário, desempenho dos empregados, uso das informações e dados para tomada de decisões e vantagem competitiva, a partir do relato de experiências já colocadas em prática, alinhadas ao Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022, referência que se manteve presente ao longo de toda a apresentação.

Na sequência, a sessão de perguntas e respostas deu enfoque a algumas questões como: importância do Estado e das políticas públicas para as bibliotecas; ausência de recursos para capacitação de equipe; desenvolvimento de novas competências; recursos de acessibilidade disponíveis nas bibliotecas de Joanesburgo; e a eventual resistência das equipes às inovações e mudanças, tópicos que foram explanados por Nyoka com alguns exemplos adicionais. Vale citar que a participação no *chat* também foi bastante significativa, com registro de reflexões e troca de experiências, o que certamente contribuiu para maior interação da audiência ao vivo para complementar temas abordados durante o encontro.

O recado final de Nyoka destacou a disposição e o interesse em compartilhar suas experiências com as bibliotecas brasileiras, seus erros, acertos e lições aprendidas, reforçando sua alegria em participar do evento.

Foi um enorme prazer mediar essa palestra internacional, e espero que este breve relato motive mais pessoas a assistir ao vídeo e conhecer as experiências apresentadas. O encontro foi

muito instigante, e conhecer um pouco mais sobre as bibliotecas de Joanesburgo foi enriquecedor e estimulante, em especial, os conteúdos trazidos, que seguramente poderão impactar em ações nas bibliotecas brasileiras, já que a realidade dos dois países é extremamente semelhante em diversos aspectos, assim como os obstáculos a serem superados.

Mais uma vez, o Seminário Internacional Biblioteca Viva nos concedeu um novo olhar sobre nossas práticas e iniciativas e poderá servir de inspiração e motivação. A explanação de Nyoka demonstrou que, apesar das dificuldades, Joanesburgo vem resignificando suas bibliotecas a partir de programas relacionados à alfabetização e transformação digital, com ênfase nas pessoas e suas transformações individuais.

POR QUE DEVERÍAMOS (TODOS) REALIZAR O ADVOCACY PELAS BIBLIOTECAS

Stephen Wyber

Federação
Internacional
de Associações
e Instituições
Bibliotecárias,
Holanda



Realizar o *advocacy* em prol das bibliotecas é tanto um dever coletivo como uma oportunidade coletiva. Em âmbito global, a International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) fez do *advocacy* um de seus principais focos de atenção. Ele representa uma parte significativa do que fazemos como organização internacional e figura como uma das direções estratégicas de nosso planejamento.

No entanto, nosso envolvimento com o *advocacy* não se resume apenas a trabalhos em ambientes como as Nações Unidas. O objetivo é garantir que em qualquer espaço no qual são tomadas decisões sobre bibliotecas, as pessoas que estão à frente não apenas compreendam o que as bibliotecas são e podem ser, como também estejam motivadas e comprometidas. Para isso, precisamos mobilizar todos da nossa área!

Este artigo se aprofunda no porquê, o quê, onde, quando, quem e como realizar o *advocacy* para, em seguida, apresentar uma ferramenta destinada a ajudar no objetivo “de todo bibliotecário a se tornar um bibliotecário” — a série *O Advocacy de 10 Minutos da Biblioteca*.

POR QUE REALIZAR O ADVOCACY?

Sentimos orgulho — acertadamente — do fato de que as nossas instituições não limitam seu acesso baseadas na capacidade ou possibilidade de pagamento do usuário. Essa é uma característica essencial das bibliotecas, que nos permite chegar às pessoas e oferecer serviços de uma maneira que poucos conseguem. Ao mesmo tempo, significa nossa dependência de outras fontes de financiamento, como governos, instituições anfitriãs e doações. É necessário que nos vejamos como um investimento fundamental, um recurso essencial para alcançar objetivos mais amplos e, portanto, compreendam a importância de recebermos financiamento.

Principalmente em relação aos governos, também precisamos que nos forneçam as leis necessárias para que possamos operar de modo eficaz. Não faz sentido investir em bibliotecas se elas próprias não forem capazes de concretizar o próprio potencial, por meio do acesso a seus acervos, da formação de parcerias e do desenvolvimento de uma oferta de serviços que construa comunidades.

Mas, para além das vantagens para as bibliotecas e seus usuários em termos de investimento e condições regulamentares de apoio, o *advocacy* é fundamental para os profissionais das bibliotecas e da informação esclarecerem e reafirmarem a importância do trabalho que realizam. Para poder explicar aos outros por que nosso trabalho é importante, precisamos, em primeiro lugar, ser capazes de explicá-lo a nós mesmos. É nomeadamente uma oportunidade para refletir sobre o impacto das bibliotecas na vida das outras pessoas.

REALIZAR O ADVOCACY DO QUÊ?

Em suma, (potencialmente) de tudo. É claro que, como abordado, o objetivo principal do *advocacy* é ampliar o entendimento e o apoio recebidos pelas bibliotecas das partes interessadas externas. O ponto crucial, porém, é que aqueles cuja mentalidade precisamos mudar podem ser pessoas envolvidas em uma grande variedade de áreas e interesses. Felizmente, a contribuição das bibliotecas para a sociedade é tão ampla que é possível estabelecer uma ligação entre nossa atividade e quase todas as questões políticas.



O estabelecimento de parcerias é essencial para que as bibliotecas alcancem um público mais amplo e diversificado. A cooperação com parceiros relevantes – por exemplo, grupos de usuários, escolas, Organizações Não Governamentais, associações de bibliotecas, empresas e outros profissionais a nível local, regional, nacional e internacional – deve ser assegurada.

(IFLA; UNESCO, 2022)

Isso pode ser bem ilustrado pelo nosso trabalho em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), ao qual temos nos dedicado há anos para mostrar como o acesso à informação proporcionado pelo acervo, pelos funcionários, pelos serviços e pelos espaços das bibliotecas pode fazer a diferença nos 17 ODS. Podemos ressaltar como as bibliotecas são um exemplo da abordagem conjunta e focada no usuário, priorizada pela Agenda 2030 das Nações Unidas como um todo (que inclui os ODS), e, também, permitem-nos abordar praticamente qualquer ministério ou órgão para mostrar os benefícios de seu apoio. Certamente, devemos estar preparados e ser capazes de explicar essa colaboração em termos que façam sentido para eles também, e não apenas para nós.

ONDE REALIZAR O ADVOCACY?

Em todos os lugares. Como mencionado inicialmente, a visão de *advocacy* da IFLA não se limita ao que pode ser feito no âmbito global ou regional, pois as decisões que afetam as bibliotecas são tomadas nas mais diversas esferas. As bibliotecas públicas e comunitárias frequentemente dependem de financiamento do governo local, mas as regras relativas ao pessoal são adotadas em nível nacional. As bibliotecas universitárias precisam que a administração tome as decisões corretas dentro das instituições,

mas necessitam de leis de direitos autorais nacionais, e até mesmo internacionais, adequadas.

O que torna as bibliotecas bem posicionadas para responder a isso, por mais desafiante que pareça, é o fato de que nós também estamos em todos os lugares! São poucos os intervenientes nos debates políticos que podem afirmar que estão presentes em todas as comunidades. Mas cada membro do parlamento, ministro ou interveniente provém de um vilarejo, cidade ou região que dispõe de uma biblioteca.

QUANDO REALIZAR O ADVOCACY?

Sempre. Novamente, isso pode parecer um desafio, dado que o trabalho da biblioteca é frequentemente intenso, legando pouco tempo a outras atividades. No entanto, simplesmente realizar um bom trabalho e mostrá-lo a todos é a própria forma de realizar o *advocacy*, pois significa que os tomadores de decisão — e as pessoas que os influenciam ou votam neles — veem que somos dedicados e eficazes na prestação de serviços.

Além disso, é importante assegurar que estejamos acompanhando os principais processos políticos. Pode haver processos regulares, tais como a preparação de orçamentos ou revisões de leis ou legislação. Devemos ter ciência de quando isso acontece e ser capazes de nos envolver antecipadamente para moldar o modo como as coisas funcionam desde o início. Também surgem oportunidades específicas, por exemplo, em torno de uma reforma de direitos autorais ou algo semelhante. A capacidade de identificá-las faz com que possamos nos envolver rapidamente.

COM QUEM REALIZAR O ADVOCACY?

Com todos. O objetivo de que todos os profissionais das bibliotecas e da informação realizem o *advocacy* já foi mencionado, e será novamente, mas um ponto-chave a ser lembrado é que não precisamos estar sozinhos na realização do *advocacy*. Na verdade, embora talvez seja previsível que os bibliotecários realizem o *advocacy* para as bibliotecas, podemos, por vezes, causar mais impacto encontrando aliados e parceiros que estejam prontos para falar sobre a importância do nosso trabalho.

Felizmente, há muitos outros que trabalham com bibliotecas ou partilham os nossos valores e objetivos, como professores, pesquisadores, grupos de direitos digitais, pais e responsáveis. Com um *advocacy* eficiente, temos o potencial de trazer os demais a bordo, e trabalhar com eles para garantir que exista um leque mais amplo e poderoso de apoiadores.



FOTO: DIVULGAÇÃO

STEPHEN WYBER

Diretor da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias, trabalha tanto para representar as bibliotecas diretamente para instituições internacionais como para apoiar pessoas bibliotecárias em todo o mundo a se envolver de forma mais eficaz com tomadores de decisão, em torno de desenvolvimento, direitos autorais, cultura, governança da internet e muito mais. Trabalhou na Embaixada Britânica em Paris e na Delegação Permanente da Organização Para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

Em todas as nações, mas especialmente no mundo em desenvolvimento, as bibliotecas ajudam a garantir que os direitos à educação e participação nas sociedades do conhecimento e na vida cultural da comunidade sejam acessíveis ao maior número possível de pessoas.

(IFLA; UNESCO, 2022)

QUEM DEVE REALIZAR O ADVOCACY?

Todos (novamente). Este artigo já destacou a importância de garantir a mobilização e envolvimento do maior número possível de colegas. Como também mencionado, temos a característica peculiar, enquanto grupo, de estar presentes em todas as comunidades ou regiões, o que nos dá uma forte legitimidade potencial aos olhos dos tomadores de decisão. No entanto, para a

concretização plena, precisamos ser capazes de fazer com que nossa voz seja ouvida.

Pode parecer assustador, pelo menos se adotarmos uma definição restrita de *advocacy* como sendo apenas um envolvimento direto com os tomadores de decisão, com a finalidade de mudar suas ideias. Contudo, não devemos confundir *advocacy* com *lobbying*, já que, embora este possa ser essencial para alcançar o resultado almejado, o *advocacy* se baseia em uma gama muito mais ampla de atividades e contribuições, que, por sua vez, dependem de um vasto conjunto de competências abundantes no nosso campo.

Por exemplo, requer pessoas que possam interagir com os membros da comunidade, recolher provas e histórias, monitorar o trabalho dos governos, compreender textos jurídicos e técnicos, escrever, projetar e falar bem, além de indivíduos que consigam ajudar a organizar e coordenar. Cada um de nós tem pontos fortes em pelo menos uma dessas áreas, portanto todos podemos contribuir.





FUNCIONAMENTO E GESTÃO

Uma política clara deve ser formulada definindo objetivos, prioridades e serviços em relação às necessidades da comunidade local. A deferência ao conhecimento local e a participação da comunidade é valiosa para esse processo, e as comunidades locais devem ser incluídas na tomada de decisões.

A biblioteca pública deve ser eficazmente organizada e os padrões profissionais de funcionamento, mantidos.

Os serviços devem ser acessíveis, física ou digitalmente, a todos os membros da comunidade. Isso pressupõe a existência de edifícios bem situados e equipados, boas condições para a leitura e o estudo, bem como tecnologias adequadas e horários de funcionamento convenientes para os usuários. Implica, igualmente, serviços destinados àqueles a quem é impossível frequentar a biblioteca.

Os serviços da biblioteca devem ser adaptados às diferentes necessidades das comunidades em áreas rurais e urbanas, bem como às demandas de grupos marginalizados, usuários com necessidades especiais, multilíngues e indígenas inseridos em sua comunidade.

(IFLA; UNESCO, 2022)

Na verdade, um grande dividendo da mobilização de um leque mais vasto de bibliotecários envolvidos no *advocacy* é que podemos formar equipes, reunindo a combinação certa de competências e forças para alcançar os objetivos propostos. Significa, também, que somos menos dependentes, o que nos leva a menos estresse e pressão e a uma maior resiliência.

O ADVOCACY DE 10 MINUTOS DA BIBLIOTECA

Uma parte da contribuição da IFLA para apoiar essa mudança do *advocacy* — de uma atividade restrita e especializada para um “trabalho em equipe” —, é a série *O Advocacy de 10 Minutos da Biblioteca*. Baseando-se no exemplo de iniciativas como o *23 Coisas*, a série tem como objetivo decompor diferentes elementos do *advocacy* em um conjunto de atividades simples que podem ser realizadas sem dispendar muito tempo.

Isso reflete o fato de que os profissionais das bibliotecas e da informação são, como já ressaltado, pessoas ocupadas, e simplesmente não podem abdicar de longos períodos para participar de programas de formação mais longos. Na verdade, também

visa contrariar a ideia de que é necessário fazer um longo curso de formação antes de se envolver.

Cada post se destina a ajudar a avançar no pensamento ou construir recursos úteis — informações, planos, argumentos ou outras ferramentas para fortalecer seu *advocacy*. Os materiais também foram compartilhados sob licença da Creative Commons, a fim de incentivar e possibilitar usos inovadores. As publicações agora estão disponíveis em português, e estamos ansiosos para saber como serão utilizadas e adaptadas para apoiar o *advocacy* em todo o Brasil.

Como abordado no início deste artigo, o *advocacy* é uma responsabilidade coletiva — algo que precisa ser feito para dar ao nosso campo e às pessoas que dependem de nós o futuro mais brilhante possível. No entanto, é também uma oportunidade coletiva, uma chance para reafirmar o valor e o propósito daquilo que estamos fazendo e estabelecer novas conexões com colegas de profissão.

Esperamos que, por meio da série *O Advocacy de 10 Minutos da Biblioteca*, você consiga atingir esse objetivo.

O PAPEL DA BIBLIOTECA — E VICE-VERSA

Tarso de Melo
Professor,
escritor
e advogado



“Esse absurdo que se chama biblioteca”, disse o poeta Paulo Leminski. Pois é. A invenção mais absurda e incrível de que se tem notícia, depois daquilo, é claro, de que elas são feitas — os livros. E vocês já devem ter ouvido algo diferente por aí, mas o fato é que “biblioteca” é o coletivo de pessoas. Ou de conversas. Podemos ir além: é talvez o mais incrível coletivo de pessoas, porque em uma biblioteca você consegue conversar com aquelas que viveram há dois ou três mil anos, nos países e culturas mais diversos, nas línguas mais distintas (e, neste caso, o abismo entre os idiomas exige que falem conosco trazendo para a conversa outra pessoa — aquela que, às vezes em uma terceira língua, não raro em outro tempo, traduziu essas conversas para um idioma que podemos acessar).

Livros abrigam conversas longas, infinitas, múltiplas, as mais incríveis e, até mesmo, improváveis que podemos ter sobre qualquer assunto — seja o que mais queremos saber, seja o que nem sequer sabíamos que existia. Ou se, de fato, existe. E, por isso, a palavra “biblioteca” é grandiosa, porque cabe tudo dentro dela. Existe também em toda biblioteca uma mesma lógica: há no mínimo

duas pessoas numa sala quando lá está alguém lendo. Uma pessoa e um livro, pelo tempo que durar a leitura e mais ainda o seu contágio, podem formar um mundo. Uma pequena biblioteca pode transformar uma cidade minúscula em um universo. As portas de uma biblioteca são as portas de outros mundos.

Não tenho receio de passear por essas imagens (gastas?) que tantos já usaram para falar sobre o poder das bibliotecas. Na verdade, mesmo para quem tem uma relação episódica com bibliotecas durante a vida (nas visitas obrigatórias no tempo da escola, na pesquisa eventual etc.) é impossível deixar de reconhecer que a biblioteca é um lugar que leva a outros lugares, que o encontro com algum bibliotecário levará sempre ao encontro com outras pessoas — de papel e tinta — que o silêncio exigido nas plaquinhas da biblioteca significa uma abertura para ouvir vozes que vêm de longe.

O livro que talvez represente de modo mais elucidativo o que é uma biblioteca tem um nome pomposo: enciclopédia. Desde a Antiguidade, muitas culturas tiveram suas “enciclopédias” ou livros que faziam as vezes dessas coleções



FOTO: LAURA MENDES

TARSO DE MELO

É poeta e ensaísta, autor de *Íntimo Desabrido* (Alpharrabio), *Rastros: Antologia Poética 1999-2018* (martelo casa editorial), *As Formas Selvagens da Alegria* (Alpharrabio) e *Um Mergulho e Seu Avesso* (Impressões de Minas), entre outros livros. É também advogado e professor, doutor em Filosofia do Direito.



em que o “conhecimento geral” se cristaliza, mas é a *Encyclopédie* (1772), dos iluministas franceses, em 28 volumes, com D’Alembert e Diderot à frente de um time que incluía Rousseau, Voltaire, Montesquieu e muito mais gente ilustradíssima, que daria o modelo e impulso para que, a partir do século 19, surgissem enciclopédias em todo o mundo.

Quem nasceu nos tempos do Google talvez não entenda quando os mais velhos exaltamos as enciclopédias, essa espécie brilhante de livro dos livros, que socorreu — e, se (não) bobear, ainda socorre — gerações e gerações de estudantes e curiosos em geral. E a biblioteca era o lugar a que todos aqueles que não tinham a própria coleção da *Barsa* — a nossa enciclopédia, por excelência — corriam para encontrar as respostas mais diversas que os professores e sua própria vontade de saber cobravam.

Abrir os exemplares da *Barsa* era a oportunidade que qualquer leitor, em um canto qualquer deste país, seja na casa das famílias de classe média que podiam comprar a própria coleção, seja em uma biblioteca pública, tinha de conversar com um time incrível de intelectuais coordenado

por Antonio Callado. Hoje é assim: não sabe quem é Antonio Callado? Joga no Google. Porém, poucas décadas atrás, se você quisesse saber o que uma palavra significava, para além do dicionário, teria que ir à *Barsa*. Sim, se hoje eu pedir a um dos meus filhos — um menino de 16 e uma menina de 13 anos — que descubra o que era a *Barsa*, eles vão digitar “barsa” na barra do Google, com a mesma naturalidade e segurança com que até pouco tempo atrás correríamos à *Barsa* se nos perguntassem o que era um dinossauro, por exemplo, ou qualquer outro tema,

da história à literatura, da arte à religião, da filosofia à física, da química à biologia... Não foi por acaso que a primeira edição da *Barsa*, em 1964, alcançou a venda de 45 mil exemplares nos primeiros oito meses. Um sucesso justíssimo.

O nome *Barsa* vem dos sobrenomes Barrett e Sá, porque a enciclopédia brasileira foi inventada por Dorita Barrett, uma norte-americana que se casou com um diplomata brasileiro, Alfredo de Almeida Sá, e, para nossa sorte, entendeu que contratar brasileiros para escrever a própria enciclopédia

A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Estes só serão alcançados à medida que os cidadãos estiverem de posse das informações que lhes permitam exercer seus direitos democráticos e desempenhar um papel ativo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma educação satisfatória, como do acesso livre e irrestrito ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação.

(IFLA; UNESCO, 2022)

era melhor do que traduzir uma das europeias que circulavam por aqui. Isso é ainda mais curioso e generoso porque Dorita era herdeira da famosa *Encyclopedia Britannica*. Ela acertou em cheio: o sucesso do primeiro ano da *Barsa*, vendida de porta em porta em muitas prestações, repetiu-se por décadas, passando de 100 mil exemplares vendidos por ano, até chegar o Google...

Atualmente, Dorita Barrett é um pequeno verbete na Wikipédia, mas vale a pena seguir seus passos esparsos na internet (que, no geral, é bem mais desorganizada e insegura do que a *Barsa!*), porque, de sua ideia e grana, surgiu algo incrível: uma coleção de livrões que se espalhou pelo Brasil para fazer com que todos os leitores pudessem conversar com gente muito qualificada sobre os mais diversos temas. Aonde uma *Barsa* chegava, lá estavam uma biblioteca e seu absurdo: possibilitar conversas que transcendem os mais variados limites. Porque Antonio Callado conseguiu colocar na mesma equipe Alceu de Amoroso Lima, Aurélio Buarque de Holanda, Sérgio Buarque de Holanda, Jorge Amado, Otto Maria Carpeaux, Oscar Niemeyer, Paulo Francis, Rachel de Queiroz e muitos

outros autores, todos dedicados a explicar as coisas do mundo para gente que, de outro modo, não teria jamais uma conversa com eles. E é realmente extraordinário imaginar a silenciosa revolução que esses livros conseguem fazer nos lugares a que chegam (ainda mais se estiverem ao lado de outras coleções também indispensáveis, como *Clássicos Jackson*, *Os Pensadores*, *Os Economistas*, *Grandes Cientistas Sociais*, *Debates*, entre outros “esforços civilizatórios” notáveis da história dos livros no Brasil).



MISSÕES DA BIBLIOTECA PÚBLICA

- Garantir o acesso a uma ampla gama de informações e ideias livres de censura, apoiando a educação formal e informal em todos os níveis, bem como a aprendizagem ao longo da vida, permitindo a busca contínua, voluntária e autoconduzida do conhecimento para as pessoas em todas as fases da vida;
- Proporcionar oportunidades para o desenvolvimento criativo pessoal e estimular a imaginação, a criatividade, a curiosidade e a empatia;
- Criar e fortalecer o hábito de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
- Instituir, apoiar e participar de atividades e programas de alfabetização objetivando desenvolver habilidades de leitura e escrita e facilitar o desenvolvimento de capacidades de letramento digital e informacional para as pessoas de todas as idades, no espírito de equipar uma sociedade informada e democrática;
- Prestar serviços às suas comunidades, tanto de forma presencial como remota, assegurando o acesso às informações, coleções e atividades por meio das tecnologias digitais, sempre que possível;
- Garantir a todas as pessoas o acesso irrestrito às informações a respeito da comunidade e de oportunidades de organização comunitária, em reconhecimento ao papel da biblioteca no centro do tecido social;
- Proporcionar às suas comunidades o acesso ao conhecimento científico, como resultados de pesquisas e informações de saúde que possam impactar a vida de seus usuários, além de possibilitar a participação no progresso científico;
- Prestar serviços de informação adequados a empresas, associações e grupos de interesse locais;
- Assegurar a preservação e o acesso aos dados, ao conhecimento e ao patrimônio local e indígena (incluindo a tradição oral), proporcionando um ambiente no qual a comunidade local tenha um papel ativo na identificação de fontes a serem recuperadas, preservadas e compartilhadas, de acordo com as aspirações da comunidade;
- Fomentar o diálogo intercultural e favorecer a diversidade cultural;
- Promover a preservação e o acesso significativo às expressões culturais e ao patrimônio, a valorização das artes, o acesso aberto ao conhecimento científico, a pesquisa e a inovação, registrados tanto em suportes tradicionais, como em formato digitalizado e nato-digital.

(IFLA; UNESCO, 2022)

Insisto em falar desse livro dos livros, como uma espécie de biblioteca dentro das bibliotecas, porque me parece muito adequado para refletir sobre o capítulo das “missões” no Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022, em que se articulam aspectos mais individuais, como acesso ao conhecimento e desenvolvimento pessoal, e objetivos sociais bastante amplos e grandiloquentes, como “fornecer acesso a uma ampla gama de informações e ideias sem censura, apoiando a educação formal e informal em todos os níveis, e fomentar o aprendizado ao longo da vida, ao permitir a busca contínua, voluntária e autônoma de conhecimento, para as pessoas em todas as etapas da vida”, além de “criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças”, “promover, apoiar e participar de atividades e programas de alfabetização”, “promover uma sociedade informada e democrática”, “preservar e promover acesso a dados, conhecimentos e tradições locais e indígenas” e “fomentar o diálogo intercultural”.

Bem sabemos o tamanho do abismo e dos desafios para que essas missões sejam cumpridas, se compararmos a realidade das bibliotecas brasileiras, nas

5.568 cidades deste país de desigualdades colossais, e o alcance das políticas públicas sem as quais essas missões se tornam impossíveis para a maioria da população; mas, apesar de infinitos pesares, é possível ver o absurdo das bibliotecas funcionando — a mais precária biblioteca pública é, ainda assim, uma brasa que pode render muitas chamas no plano individual, inclusive dando início, desse modo, a transformações mais amplas, que afetem uma comunidade. Não se tire daí, obviamente, o entendimento de que as bibliotecas podem ser precárias. Pelo contrário! O que quero afirmar é a importância social da existência das

bibliotecas, mesmo precárias, como condição para que possamos pensar em melhores bibliotecas num futuro próximo, em que elas — todas elas — sejam capazes de cumprir as missões citadas e outras que ainda não imaginamos.

Bibliotecas vão bem além da literatura, bem além daquelas “criações de toque poético, ficcional ou dramático” de que falou Antonio Candido no ensaio clássico *O Direito à Literatura* (1988); então podemos dizer, expandindo as palavras do crítico para todo o conhecimento, que “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, liberta-nos do caos e, portanto, humaniza-nos. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade”.

Podemos seguir daí: uma cidade sem biblioteca(s) é uma cidade mutilada. Falta um pedaço vital e imenso a ela e, conseqüentemente, faltará um pedaço vital e imenso a todas as vidas que se desenvolvam nela. São vidas mutiladas. É claro que os entusiastas dos novos meios de comunicação dirão que o acesso individual e doméstico à internet suplantou a necessidade de manter esses prédios cheios de papel, que custam caro e são menos utilizados à medida que o acesso à internet se democratiza, mas é impossível concordar com essa crítica quantitativa às bibliotecas. Bibliotecas têm qualidades muito próprias, únicas, que não podem ser substituídas — como uma praça, um parque, uma escola. O que elas oferecem como experiência presencial e coletiva é irreduzível à individualização, virtualização e domesticação que a tecnologia oferece.

Bibliotecas são, fundamentalmente, feitas dos livros e das conversas que esses livros guardam para leitores distantes no tempo e no espaço — e, a meu ver, a potência dessas conversas não é indiferente à maneira como se dá esse encontro entre os

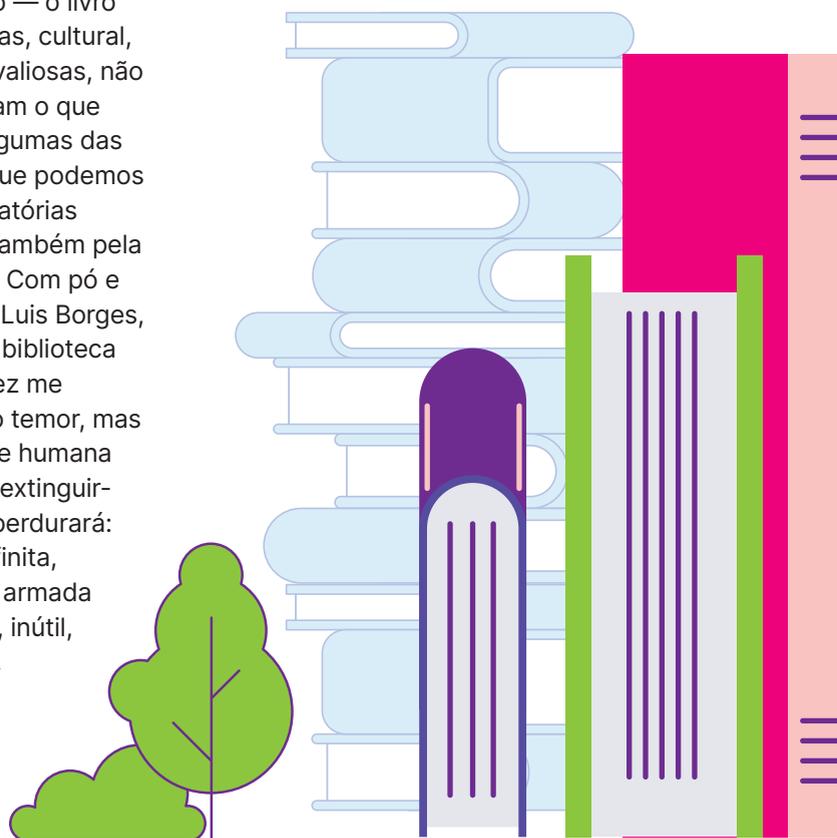


livros e os leitores. Das marcas que outros leitores deixaram nos livros (a lápis, caneta ou suor) até a sala em que eles estavam, o estado das prateleiras e o nosso próprio estado físico e psíquico naquele encontro, tudo compõe a experiência da leitura. Bibliotecas são acervos, sim, mas o modo como esse acervo se apresenta e nos interpela já é parte de nossa relação com o conhecimento. Já é parte da conversa a que nos entregaremos.

O grande editor e ensaísta italiano Roberto Calasso, em *Como Organizar uma Biblioteca*, recentemente lançado no Brasil, cita uma imagem muito bonita retirada de Aby Warburg: a biblioteca como “lugar psíquico”. Acho essa ideia muito preciosa para lidar com a experiência complexa que envolve o leitor quando vai em busca de — ou é surpreendido por — algum livro. Pode-se dizer: a conversa que teremos por meio dos livros é envolvida pela conversa mais ampla e abrangente que estabelecemos com a “ordem” em que os livros se encontram. Aqui, claro, “ordem” não é “organização”, e sim algo como “constelação” — porque cada livro se constela com tudo que o cerca. É nessa constelação, com sentido e força específicos

quando se dá numa biblioteca, que o leitor se lança quando vai ao encontro das conversas que um livro guarda para ele.

Considerando a importância que as bibliotecas tiveram e ainda têm para mim (e isso explica que, com o passar do tempo, os lugares em que vivo tenham se transformado em bibliotecas...), posso ter exagerado na “defesa” até aqui. Mas o fato é que, para mim, cada vez mais as bibliotecas, em torno desse seu núcleo duro — o livro de papel — são valiosas, cultural, ética e politicamente valiosas, não apenas porque guardam o que queremos saber ou algumas das melhores conversas que podemos ter, como vastas e aleatórias enciclopédias, como também pela forma como guardam. Com pó e tudo. Como diz Jorge Luis Borges, para quem universo e biblioteca eram sinônimos, “talvez me enganem a velhice e o temor, mas suspeito que a espécie humana — a única — está por extinguir-se e que a biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta”.





I4^o seminário internacional biblioteca viva



FILME-MANIFESTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA IFLA-UNESCO 2022

<https://www.youtube.com/watch?v=fmgfpyhMT5A>



MANIFESTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA IFLA-UNESCO 2022

<http://repositorio.febab.org.br/items/show/6247>



MESA-REDONDA | DEMOCRACIA CULTURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

<https://www.youtube.com/watch?v=RFiNdeCQVdl>



PALESTRA INTERNACIONAL | "EIN KOFFER VOLL MIT BÜCHERN" - "UMA MALA CHEIA DE LIVROS"

<https://www.youtube.com/watch?v=qYcANyAghyY>



**PALESTRA INTERNACIONAL |
O ADVOCACY DE 10 MINUTOS DA BIBLIOTECA**

<https://www.youtube.com/watch?v=1Hz3jVQDijQ>



**CONVERSANDO SOBRE | FORMAÇÃO CONTINUADA
DE PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECA**

<https://www.youtube.com/live/1Hz3jVQDijQ?si=cKGOsbNeSM1R3Kkp&t=3432>



**MESA-REDONDA | ENTRE BIBLIOTECAS,
LEITURAS E LITERATURAS**

https://www.youtube.com/watch?v=Fe4Hcyj4_dE&t=1797s



**PALESTRA | BIBLION: O ECOSISTEMA DE
CONHECIMENTO ILIMITADO QUE REVOLUCIONOU
AS BIBLIOTECAS DIGITAIS NO BRASIL**

<https://www.youtube.com/watch?v=avaMeTWV-gY&t=25s>



**CONVERSANDO SOBRE | AVALIAÇÃO E
MONITORAMENTO DE AÇÕES CULTURAIS**

<https://www.youtube.com/watch?v=9rkyU-CeqBg>



**PALESTRA INTERNACIONAL | TRANSFORMAÇÃO
E ALFABETIZAÇÃO DIGITAL PARA OS ODS:
O CASO DAS BIBLIOTECAS DE JOANESBURGO**

<https://www.youtube.com/watch?v=MPmn2AL2uZI>

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Tarcísio de Freitas
Governador

Felício Ramuth
Vice-governador

Marília Marton
Secretária de Estado

Marcelo Henrique de Assis
Secretário Executivo

Daniel Scheiblich Rodrigues
Chefe de Gabinete

Dennis Alexandre Rodrigues de Oliveira
Coordenador da Unidade de Difusão Cultural, Bibliotecas e Leitura

SP LEITURAS - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECAS E LEITURA

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Arnaldo Spindel (Presidente)
Afonso Borges (Vice-presidente)
Giovanna Carvalho Sant'Ana
(Representante dos funcionários)
Marcelo Tas
Marino Lobello
Marisa Barros de Moura
Ricardo de Medeiros Ramos Filho
Ude Baldan
Valéria Martin Valls

CONSELHO FISCAL

Flávio Mendes Bitelman

DIRETORIA

Diretor Executivo

Pierre André Ruprecht

Diretor Administrativo e Financeiro

Miguel Martin Gutierrez Filho

Superintendente de Biblioteca

Sueli Regina Marcondes Motta

Gerente de Programas e Projetos

Giovanna Carvalho Sant'Ana

Gerente de Projetos/BibliON

Joaquim Alfredo Bento Matusse

Gerente de Acervo

Adriana Luccisano

Gerentes de Programação e Produção

Genésio Manoel e Silva

Priscila Gualberto Veras Ynoue

Gerente de Comunicação

Acácia Berlese de Matos Dourado

Gerente de TI

Marcos Moreira Oliveira Coelho

Gerente Administrativo-financeira

Silmara Baltazar Novo

Gerente de Infraestrutura

João Conde

